

## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

# ANÁLISE DAS GRADES CURRICULARES DO CURSO DE JORNALISMO DA ECA-USP: ANOS INICIAIS (1967-1972)

João Pedro Malar; [joapedromalar@usp.br](mailto:joapedromalar@usp.br)  
Bruno Militão; [brunomilitao@usp.br](mailto:brunomilitao@usp.br)

### RESUMO

O presente trabalho busca analisar a evolução da grade curricular do curso de Jornalismo da ECA-USP nos primeiros anos da instituição e do curso, entre 1967 e 1972. Para isso, baseia-se em uma pesquisa em desenvolvimento que toma como base todas as grades curriculares do curso desde a sua criação até a contemporaneidade. A partir de uma divisão em cinco fases, dedicamo-nos a analisar a primeira etapa, denominada “Anos Iniciais e Consolidação”, a partir de uma metodologia híbrida, qualitativa e quantitativa. Como resultado, apontamos que esse momento foi marcado por diversas mudanças nas grades, com progressiva perda de espaço de disciplinas gerais de Ciências Humanas e ampliação de disciplinas teóricas de Comunicação e teórico-práticas de Jornalismo, simbolizando um processo de formação e consolidação dos dois campos acadêmicos e refletindo um contexto mais amplo social, político, cultural e tecnológico.

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Ensino de Jornalismo. Currículos. Grades Curriculares. ECA-USP.

## 1. Introdução

Em 1947, foi criada a Faculdade Cásper Líbero em São Paulo, que introduziu o primeiro curso de graduação em Jornalismo no Brasil. Nos anos e décadas subsequentes, diversas instituições de ensino privadas e públicas se somaram ao movimento e criaram seus próprios cursos voltados para a área. Uma delas foi a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a ECA-USP, criada em 1967 com um conjunto de cursos de graduação, incluindo o Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

A instituição se firmou como um “espaço institucional de formação de pesquisadores e docentes, impulsionando o desenvolvimento da reflexão de cunho

acadêmico em torno do jornalismo” (Roxo, 2022, p. 224), e o seu curso de graduação em Jornalismo segue em atividade na contemporaneidade, 58 anos depois.

Como em qualquer instituição de ensino superior, a grade curricular que estrutura o curso - com as disciplinas definidas, distribuição ao longo dos semestres, carga horária - passou por uma série de mudanças e adaptações nas últimas décadas. No ano de 2025, o curso, agora Bacharelado em Jornalismo, é oferecido em dois períodos, matutino e noturno. O primeiro tem duração ideal de 8 semestres, a mesma da primeira turma do curso, em 1967, enquanto o segundo tem duração de 9 semestres. As turmas de ingressantes contam com 30 alunos cada uma.

Como aponta Marques de Melo (2007), o ensino de Jornalismo passa por um desafio no século XXI, exigindo uma série de reflexões e mudanças para a sua perpetuidade e relevância. Em linha com essa análise, acreditamos que um olhar para o passado desse ensino pode trazer pontos interessantes e relevantes para os debates contemporâneos na área. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar a evolução da grade curricular do curso de Jornalismo da ECA-USP nos primeiros anos da instituição e do curso. A pesquisa se insere em um projeto mais amplo, que analisa a evolução da grade desde a sua criação até os anos atuais. Nesse sentido, as grades curriculares foram reunidas, analisadas e divididas em cinco fases.

Neste artigo, apresentamos uma análise focada na primeira fase identificada, delimitada entre os anos de 1967 e 1972. Para isso, apresentamos, primeiramente, um breve histórico sobre a criação da ECA-USP e o funcionamento dos seus cursos de graduação em seus primeiros anos, em meio a um contexto da própria constituição e fortalecimento do campo da Comunicação no Brasil. Em seguida, apresentamos o marco teórico de referência usado no trabalho, focado em estudos sobre o ensino de Jornalismo no Brasil e a partir da contribuição de autores como Michelle Roxo, Maria Elisabete Antonioli, José Marques de Melo e Eduardo Meditsch.

Apresentamos, então, uma análise híbrida, qualitativa e quantitativa, das grades horárias do curso de Jornalismo nos seis anos escolhidos, detalhando a metodologia empregada, as observações realizadas e apontamentos pertinentes com um enfoque na evolução, mudanças e permanências dessas grades dentro do período

considerado. Com isso, finalizamos o artigo com reflexões possíveis e apontamos para pesquisas futuras.

## 2. ECA-USP e o nascente campo da Comunicação

Criada a partir do decreto estadual n.º 46.419 de 15 de junho de 1966, a ECA, inicialmente denominada Escola de Comunicações Culturais (ECC), teve como primeiro diretor o professor Júlio García Morejón, professor catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da USP. A primeira turma de alunos ingressou no ano de 1967, dividida entre os sete cursos oferecidos à época: Jornalismo, Relações Públicas, Teatro, Cinema, Rádio e Televisão, Biblioteconomia e Documentação.

Em seu discurso de posse na Escola, García Morejón afirmou que a recém-criada ECC deveria atender

às mais urgentes necessidades da nossa juventude brasileira: uma formação histórica clara [...]; uma formação linguística rigorosa, dentro dos mais modernos métodos da linguística geral aplicada à comunicação de massas; uma formação estética modelar [...]; uma formação filosófica que, embora elementar, situe o jovem numa trajetória de inquietação em torno dos mais transcendentes problemas humanos; conhecimentos básicos em torno do desenvolvimento de pesquisas científicas [...]. Todos esses conhecimentos, e alguns de caráter especificamente político, sociológico, econômico e psicológico deverão ser a base cultural imprescindível da qual partem os conhecimentos especializados nos diferentes campos da comunicação. (García Morejón, 1967).

Seguindo essas propostas, no currículo de 1967, para o primeiro ano do curso de Jornalismo (já com indicação de alterações para o ano seguinte), temos as disciplinas de Língua Portuguesa, Cultura e Civilização do Brasil, História da Civilização Contemporânea, Fundamentos de Estética e Evolução dos Estilos Artísticos, Língua Estrangeira. Além dessas, apenas uma disciplina voltada ao campo da comunicação (Teoria da Comunicação) e uma voltada ao jornalismo (Introdução ao Jornalismo). Assim, inicialmente, a fundamentação em torno da comunicação (e do jornalismo, de modo mais específico), apresentava-se de modo reduzido.

Na grade do ano seguinte, em 1968, as disciplinas foram divididas em três níveis: disciplinas instrumentais, relativas à prática jornalística; disciplinas fenomenológicas, compondo um quadro acerca dos estudos sobre comunicação; e disciplinas culturais, ligadas às ciências humanas e sociais (Oliveira, 2011). Nos primeiros anos de funcionamento da ECA, essas três vertentes (instrumental, fenomenológica e cultural) representaram os tópicos centrais de discussões a respeito das estruturas curriculares da Escola - ou, ao menos, o que se buscava para isso. Ainda que existisse a vontade e a necessidade de que esses níveis interagissem de forma interdisciplinar, representando um conjunto articulado dos conteúdos curriculares, em um primeiro momento resultaram em disciplinas estanque.

A própria organização departamental da recém-criada Escola, “tradicionalmente responsável pelo desenho administrativo e pedagógico da ECA”, conforme aponta a professora Michelle Roxo de Oliveira (2022, p. 225), favoreceu a estruturação justaposta das unidades - inclusive separadas fisicamente, o que era refletido nos currículos.

No processo de estruturação da escola, foram criados em 1967 e instalados em 1968 seis departamentos profissionalizantes, (Jornalismo, Relações Públicas, Artes Dramáticas, Cinema, Rádio e Televisão, Biblioteconomia e Documentação), e outras três unidades que reuniam disciplinas de fundamentação geral – Departamento de Ciências e Técnicas da Comunicação, Departamento de Estudos Históricos e Filosóficos, Departamento de Estudos e Pesquisas Linguísticas e Literárias. (Oliveira, 2022, p. 225)

No início da década de 1970, os departamentos de fundamentação geral são reestruturados e são reunidos no Departamento de Ciências e Técnicas da Comunicação, posteriormente nomeado de Departamento de Comunicações e Artes (CCA), nome adotado até os dias atuais. A proposta inicial era de que esse núcleo oferecesse disciplinas de fundamentação básica nas áreas de comunicações e artes para todos os cursos da ECA. Pode-se inferir, assim, que essa organização departamental refletia também a proposta inicial de estruturação da Escola.

Essas e outras configurações, como veremos, são reflexos do contexto de um campo em estruturação. Nesse sentido, ao tratar do campo da Comunicação, referimo-nos a um “conjunto de instituições de nível superior destinado ao estudo e

ao ensino da comunicação e onde se produz a teoria, a pesquisa e a formação universitária das profissões de comunicação” (Lopes, 2000, p. 48).

A ECC surge no contexto de criação das primeiras escolas de comunicação do país, nos anos de 1960. Já existiam cursos de Jornalismo no Brasil ao menos desde a década de 1940, como aqueles da Cásper Líbero (inicialmente ligado à PUC-SP), que data de 1947, da Universidade do Brasil, de 1948, e da Universidade Católica de Pernambuco, de 1961. Esses cursos, no entanto, estavam, via de regra, ligados aos institutos de Filosofia ou Letras de suas respectivas faculdades. As escolas de Comunicação, no entanto, diferenciam-se nesse processo por constituírem-se como entidades autônomas dentro da estrutura das universidades.

Uma experiência desse período, a título de exemplificação, foi a proposta de instalação de uma Faculdade de Comunicação de Massa na Universidade de Brasília (UnB), inicialmente com os cursos de Jornalismo e Cinema. Seguindo o modelo das universidades europeias, a intenção era de que seus alunos frequentassem inicialmente os institutos de Letras, Ciências Humanas ou Artes, buscando uma formação humanística. Apenas depois disso teriam contato com as técnicas das especializações da comunicação, como jornalismo, publicidade, rádio e TV. Quando do surgimento do curso de Jornalismo na UnB, em 1963, o projeto da nova faculdade já estava sendo discutido. Porém, em razão das diversas pressões do contexto da Ditadura Militar, a partir de 1964, o instituto passa a se chamar apenas “Faculdade de Comunicação”, sem nenhuma adjetivação. Em 1967, na esteira de uma crise pela qual a UnB passava, a faculdade tornou-se um departamento ligado ao Instituto de Ciências Humanas da universidade.

Esses acontecimentos, de algum modo, foram sentidos por outras instituições que se estruturavam naquele momento. Como aponta o professor e pesquisador José Marques de Melo, que pertenceu à turma dos primeiros professores da Escola, a orientação pedagógica da ECC “representava uma convergência do plano original da Faculdade de Comunicação de Massa de Brasília com algumas das orientações propostas pelo Ciespal” (Melo, 1974, p. 56).

O Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina (Ciespal), sediado em Quito, no Equador, faz parte de um trabalho mais amplo

realizado pela Unesco a partir da segunda metade do século XX. A agência tinha como proposta implementar centros de aperfeiçoamento de profissionais dos meios de comunicação, especialmente em países do terceiro mundo. Dentre outras iniciativas, o Ciespal ainda incentivava a figura do comunicador social, como aponta a professora Maria Elisabete Antonioli (2014), ou “comunicador polivalente”, nas palavras de Eduardo Meditsch (2000), que deveria ser capaz de atuar “em todos os meios de comunicação coletiva”.

Ainda que existam visões sobre um importante papel, por parte do Ciespal, de difusão da “mentalidade da pesquisa científica, promovendo cursos de especialização em várias universidades e realizando projetos de pesquisa sobre fenômenos de comunicação no contexto da realidade brasileira” (Melo, 1973, p. 55), há diversas críticas significativas ao centro de Quito sobre a formação em comunicação e jornalismo no Brasil.

Para Meditsch (1999), o trabalho do Ciespal no Brasil

implicou numa ruptura da orientação teórica das escolas, que até então era centrada numa formação clássico-humanística, com ênfase nos estudos éticos, jurídicos, filosóficos e literários. Esta orientação [...] será rejeitada por ‘não-científica’, e substituída pelas disciplinas valorizadas pelo funcionalismo norte-americano.

Além disso, segundo ele, a formação do comunicador polivalente excluía as especificidades do objeto de estudo do jornalismo - para a formação de jornalistas.

No ano de 1969, o curso de Jornalismo passou a ser uma habilitação do curso de Comunicação Social, a partir de determinações do chamado Conselho Federal de Educação (CFE), as quais sofreram uma influência direta do Ciespal. Essas alterações, junto com os currículos mínimos que se instituíram ao longo dos anos subsequentes (o curso de Comunicação Social, por exemplo, contou com três currículos ao longo das décadas: o primeiro em 1969; outro em 1978; e o último em 1984) são uma demonstração da “forte imposição do poder público em relação aos currículos dos cursos, pois as instituições tinham autorização apenas para complementá-los” (Antonioli, 2014, p. 185).

Um outro ponto de crítica ao curso de Comunicação Social voltava-se à sua divisão em dois grandes eixos de formação: um ciclo básico, comum a todas as

habilitações, nos dois primeiros anos; e um ciclo específico, nos dois últimos anos, com foco na formação profissional das habilitações. Essa disposição curricular implicava um aumento na evasão dos alunos, já que “durante dois anos, eles não se envolviam com as práticas da profissão, o que se tornava bastante prejudicial para a formação” (Antonioli, 1985, p. 185). Por outro lado, nessa disposição, muitos conteúdos específicos do jornalismo (teoria, história, ética e deontologia) dissolviam-se em conteúdos gerais da comunicação que não respondiam às necessidades das práticas jornalísticas daquele momento.

Segundo o próprio professor Marques de Melo, que coordenou as (re)formulações pedagógicas do curso em seus primeiros anos, a orientação dava-se no sentido de equilíbrio entre teoria e prática, “um pé a academia e um pé no mercado, e também uma visão aberta para a sociedade” (Oliveira, 2022, p. 226). Naquele momento, nos primeiros anos da Escola, existia uma dificuldade em implementar um modelo de ensino que privilegiasse a “liberdade de ação”.

As determinações do CFE, de um lado, e o contexto de repressão política da Ditadura, de outro, impactaram e enrijeceram as propostas iniciais de formação para o curso de Jornalismo da ECA. Junta-se a esse quadro os esforços para compreensão, definição e estruturação do espaço acadêmico para a comunicação e para o jornalismo - ainda em formação - e temos, assim, um panorama do contexto que explica por que o curso de Jornalismo passou por tantas reformulações em suas estruturas curriculares nos anos iniciais de atuação. Assim, de modo um pouco contraditório, a rigidez da legislação em voga ocasionou subsequentes e significativas mudanças no currículo do curso em sua gênese.

Apesar de certa imobilidade para reestruturações curriculares - ou aquelas que partissem do próprio corpo docente da jovem Escola -, é preciso ressaltar o trabalho interno do Departamento de Jornalismo (posteriormente Departamento de Jornalismo e Editoração, o CJE) para a estruturação de um “modelo formativo com base em atividades de ensino, pesquisa e extensão (organização de eventos, publicações e caminhos de interlocução entre academia e setor produtivo)” (Oliveira, 2022, p. 232). Dentre as atividades, podemos citar a preocupação com o nível da extensão, materializada em diversos eventos de discussão entre instituições do

mercado de jornalismo. A “Semana de Jornalismo”, por exemplo, que ocorreu entre 1969 e 1974, buscava articular as atividades entre a universidade e o mercado, o que contribuiu ainda “para romper os obstáculos existentes entre a ECA/USP e a comunidade empresarial e profissional da comunicação” (Oliveira, 2022).

Em 1970, a Escola de Comunicações Culturais tornou-se Escola de Comunicações e Artes (ECA). Ao longo dessa década, após a mudança do nome, outros cursos de graduação foram sendo criados, como os de Editoração, Publicidade e Propaganda, Turismo, Artes Plásticas e Música. Em 1972, foi criado o primeiro curso de mestrado<sup>1</sup> na área de Comunicação no Brasil, com o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

Os marcos históricos relativos à ECA citados são importantes na medida em que circunscrevem não apenas o curso de Jornalismo oferecido pela Escola como também a própria formação do campo da Comunicação e do Jornalismo. Como explica a professora Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2000), no campo da Comunicação podem ser identificados outros subcampos: o subcampo científico, que compreende as práticas de conhecimento (teórico e aplicado) a partir da pesquisa acadêmica; o subcampo educativo, que se constitui a partir do ensino desse conhecimento produzido; e o subcampo profissional, que se caracteriza pela aplicação dos conhecimentos apreendidos, sempre em relações, as mais variadas, com o mercado de trabalho.

Pode-se pensar, assim, que o campo da Comunicação começa a se estruturar de forma mais completa justamente a partir do surgimento das escolas, inicialmente com os cursos de graduação e, posteriormente, com os cursos de pós-graduação.

Ao mesmo tempo em que absorve todas as influências daquele momento, buscando estabelecer-se como instituto de ensino e pesquisa dentro da estrutura da Universidade de São Paulo - e mesmo como parte de um campo acadêmico singular, ao lado de outras grandes áreas do conhecimento -, a ECA tornava-se, também referência para outros cursos e escolas que surgiram nos anos seguintes. Assim, refletir sobre a constituição do curso de bacharelado em Jornalismo na ECA, em seus

---

<sup>1</sup> O curso de doutorado seria criado alguns anos depois, em 1980.

anos iniciais, significa também pensar sobre a própria formação do campo acadêmico do Jornalismo no Brasil.

### 3. Percurso metodológico e análises

O primeiro passo do estudo envolveu uma visita à Seção de Graduação da ECA-USP, onde tivemos acesso às versões impressas de todas as grades horárias do curso de Jornalismo entre os anos de 1967 e 2019. As grades foram, então, fotografadas e usadas de base para a criação de uma planilha reunindo cada uma das grades. Posteriormente, foi realizada uma análise de cada um em busca de padrões em comum, possibilitando uma proposta de categorização e divisão das grades.

A partir da análise, chegamos à proposta de divisão das grades em seis fases: Anos Iniciais e Consolidação (1967-1972), Fim Progressivo do Ciclo Básico (1973-1984), Criação de um Currículo Próprio do Curso (1985-1994), Fase das “Saídas” (1995-1999), Reestruturação e Estabilização (2000-2016) e Bacharelado em Jornalismo (2017-atualidade). A divisão levou em conta alguns momentos importantes para o curso, como a proposta de “saídas” para os alunos em diferentes especializações (em meios impressos e meios eletrônicos), a adequação às novas normas do MEC de 2014 e o encerramento do Ciclo Básico na década de 1980.

Especificamente no caso da primeira fase, a análise das grades curriculares mostra que os primeiros seis anos do curso de Jornalismo na ECA-USP foram marcados por alterações anuais consideráveis tanto na grade do Ciclo Básico quanto na específica do curso de Jornalismo. A partir de 1983, porém, ambas as grades passam a apresentar uma maior constância e alterações pontuais, indicando, portanto, um início de outra fase para o curso.

Com a divisão realizada, nos debruçamos em analisar as grades da primeira fase. O primeiro passo foi a elaboração de uma nuvem de palavras para identificar quais seriam os termos mais frequentemente usados ao longo desses seis anos nos títulos das disciplinas. A construção da nuvem de palavras foi feita a partir do software WordArt, desconsiderando preposições e mantendo apenas palavras que



Especializado (criada em 1968 e mantida até 1972), Jornalismo Interpretativo (criada em 1971 e extinta no ano seguinte) e Jornalismo Opinitivo (criada em 1971).

Já no caso das disciplinas voltadas mais especificamente ao campo da Comunicação, destacamos a evolução das disciplinas de Língua Portuguesa e Comunicação Linguística I e II (criadas em 1968 e convertidas em Comunicação Linguística I e II entre 1969 e 1972), a de História da Comunicação (criada em 1970 e mantida nos anos seguintes) e as disciplinas de Sociologia da Comunicação e Psicologia da Comunicação (criadas em 1969 e mantidas até 1971).

A sequência, com menções aos termos “História”, “Língua” e “Cultura” indica que o Ciclo Básico também tinha como objetivo oferecer uma formação mais ampla nos campos das Ciências Humanas e Sociais, em linha com as considerações citadas na seção anterior sobre a constituição da Escola de Comunicações e Artes, do campo da Comunicação e da própria Universidade de São Paulo.

Já a alta frequência do uso do termo “Técnica” aponta para um caráter prático para o curso, especialmente o “ciclo” específico da formação de futuros jornalistas. É o caso de disciplinas que foram criadas e extintas ainda em 1967 - Técnica da Manchete, Técnica do Jornalismo Audio-visual e Economia e Técnicas de Planejamento Econômico -, mas também das disciplinas Técnica de Jornal e Periódico I e II (existentes entre 1969 e 1970) e de um conjunto criado em 1972: Técnicas de Radiojornalismo e Técnicas de Telejornalismo I e II.

A análise também resultou em nuvens de palavras específicas para as grades de 1967 e 1972, escolhidas como forma de refletir sobre as mudanças e permanências no primeiro ano da primeira fase e no seu último ano.

## **GRÁFICO 2: NUVEM DE PALAVRAS DA GRADE DE 1967**



Fonte: Elaborado pelos autores

**GRÁFICO 3: NUVEM DE PALAVRAS DA GRADE DE 1972**



Fonte: Elaborado pelos autores

No caso da grade de 1967, os termos mais usados foram “Língua” (6 menções), “Moderna” (5 menções), “História” (4 menções), “Jornalismo” (4 menções) e

“Estrangeira” (4 menções). Já em relação à de 1972, os termos mais usados foram “Comunicação” (9 menções), “Jornalismo” (8 menções), “Introdução” (4 menções) e “História” (4 menções), mas com uma diversidade maior de termos: 11 foram citados 3 vezes, contra 3 no caso da grade de 1967.

Acreditamos ser possível apontar que as mudanças entre as duas grades ilustram de forma satisfatória os dois principais movimentos ligados à fase analisada. De um lado, há uma consolidação do próprio campo da Comunicação, simbolizada por uma substituição de disciplinas de outros campos (em especial às da área de Linguagem) por novas disciplinas específicas do campo. Do outro, há uma consolidação do curso de Jornalismo e de suas disciplinas específicas, em áreas como Ética, História, Administração e Técnicas de diferentes vertentes da profissão.

Julgamos importante pontuar ainda que, dentre as disciplinas específicas do curso de Jornalismo em 1967 (Introdução ao Jornalismo; Preparação e Impressão do Jornal; Natureza, função e estrutura da notícia; História do Jornalismo e Jornalismo Comparado; Reportagem e Entrevista; O Editorial, o Comentário e a Crônica; Fotojornalismo e Ilustração; Técnica da Manchete; Técnica do Jornalismo Audio-visual e Administração de jornal), apenas duas (Introdução ao Jornalismo e Administração de jornal) reaparecem nos anos subsequentes, mostrando a alta taxa de mudança da grade, ao menos no nível dos títulos e da organização das disciplinas.

Outra análise realizada contabilizou as disciplinas gerais de Comunicação e outras áreas e as específicas de Jornalismo a cada ano. Em 1967, das 30 disciplinas que compunham a grade, 10 (33%) eram específicas de Jornalismo, e 20 (66%), gerais. Em 1968, das 27 disciplinas, 4 (14%) eram específicas de Jornalismo, e 23 (86%), gerais. Em 1969, das 41 disciplinas, 11 (26%) eram específicas de Jornalismo, e 30 (74%), gerais. Em 1970, das 43 disciplinas, 11 (25%) eram específicas de Jornalismo, e 32 (75%), gerais. Em 1971, das 50 disciplinas, 20 (40%) eram de Jornalismo, e 30 (60%), gerais. Já em 1972, das 54 disciplinas, 17 (31%) eram de Jornalismo, e 37 (69%), gerais.

Em termos percentuais, a evolução na comparação entre 1967 e 1972 pode não parecer relevante, mas houve um aumento expressivo no total de disciplinas da grade (de 30 para 54). Em números absolutos, portanto, é possível notar um aumento no

total de disciplinas de Jornalismo (de 10 para 17), representando um processo de constituição do curso de graduação. Ao mesmo tempo, também houve um aumento absoluto nas disciplinas gerais e de Comunicação (de 20 para 37), representando esse outro movimento de constituição do campo da Comunicação.

Essa evolução progressiva também é indicada nos próprios materiais obtidos para essa pesquisa. Entre 1967 a 1969, era informada apenas a divisão das disciplinas por ano, e não por semestre. Em 1970, há a divisão das disciplinas no primeiro ano, com o primeiro e segundo semestres sendo explicitamente citados como um “ciclo básico”. Em 1971, há uma divisão das disciplinas por todos os oito semestres do curso, sendo que, entre o quinto e o oitavo, há a indicação de uma grade específica para o curso de Jornalismo. A divisão foi mantida em 1972.

Os alunos também contavam com disciplinas de Matemática e Estatística nos anos de 1969, 1971 e 1972; de Geografia nos anos de 1967, 1968, 1969, 1971 e 1972; de Línguas Estrangeiras em todos os anos; de Literatura Brasileira em todos os anos, com exceção de 1971; de História da Arte em todos os anos; de Teoria da Informação de 1969 a 1972; de Comunicação Rural entre 1971 e 1972; de Publicidade e Propaganda em todos os anos; de Pensamento Filosófico em todos os anos e de Pesquisa e Teoria da Opinião Pública a partir de 1969.

Já em relação às disciplinas específicas de Jornalismo, as informações obtidas nas grades indicam um esforço inicial para criação de disciplinas mais amplas para abarcar temas específicos da área. Entre 1969 e 1970, por exemplo, as disciplinas Técnica de Jornal e Periódico I e II englobavam as áreas de Metodologias do Jornalismo, Jornalismo Informativo, Jornalismo Interpretativo, Jornalismo Opinativo, Funções de Secretaria e Agências Noticiosas. Porém, já nos dois anos subsequentes, houve a extinção das mesmas e divisão em disciplinas específicas (Agências Noticiosas, Redação de Jornalismo Especializado, Jornalismo Opinativo, Funções de Direção e Secretaria no Jornalismo, Introdução ao Jornalismo e à Editoração). Uma segunda reforma, entre 1971 e 1972, também criou as disciplinas de Ética e Legislação da Imprensa I e II e Administração de Jornal I e II.

Mesmo em seus anos iniciais, também foi possível notar um esforço para o acompanhamento das tendências tecnológicas da época. A grade de 1967 já surgiu

com a disciplina de Técnica do Jornalismo Audio-visual englobando tanto a atuação em rádio quanto na televisão e no cinema, com o surgimento posterior de disciplinas específicas para o Radiojornalismo, o Telejornalismo e o “Cinejornalismo” (como chamado na época), apontando para a importância crescente naquele período dessas áreas da profissão. Em 1971, foi introduzida uma disciplina de Informática, indicando uma formação para uma área ainda incipiente naquele período.

O curso também contou desde a sua fundação, em 1967, com um jornal laboratório para os alunos, a Agência Universitária de Notícias (AUN), que segue no currículo até os dias atuais, na disciplina Laboratório de Jornalismo - Agência de Notícias. Também em 1967, já havia o indicativo de que os discentes realizariam “estágio em redação de jornal ou revista”, com a informação em 1968 que isso estaria previsto para ocorrer no segundo ano do curso. Em 1969, foram introduzidas as disciplinas de Estágio Supervisionado no terceiro e quarto anos. Em 1970, ela seria limitada apenas ao quarto ano, sem citações à disciplina nas grades de 1971 e 1972.

#### **4. Considerações finais**

Como apontado anteriormente e sinalizado pelos dados reunidos, os primeiros anos do curso de Jornalismo da ECA-USP foram marcados por recorrentes mudanças e transformações curriculares, em um ritmo acelerado. Exatamente por isso, optamos por nos referir a esse período, definido entre 1967 e 1972, como uma fase de criação e consolidação do bacharelado. Nesse caso, criação e consolidação tanto do “ciclo básico” do curso quanto da sua grade específica para o curso de Jornalismo.

As mudanças observadas ocorriam anualmente, se manifestando com a criação e retirada de disciplinas, surgimento e expansão de disciplinas de caráter prático no curso, mudanças de nome e a divisão de uma disciplina em outras. Em geral, é possível inferir continuidades temáticas e curriculares a partir da semelhança de nomes de algumas disciplinas e posições nas grades curriculares ao longo do ano, como a troca de Língua Portuguesa e Comunicação Linguística I e II (criadas em 1968) para Comunicação Linguística I e II (entre 1969 e 1972). Ao mesmo tempo, foi possível notar o surgimento de diversas novas disciplinas e temáticas abordadas.

A partir da análise das grades curriculares estudadas, defendemos que é possível dividir esse conjunto de disciplinas em três grandes eixos: Ciências Humanas e Fundamentação Humanística, Comunicação e Epistemologia do Campo Científico e Jornalismo e Disciplinas Práticas/Profissionalizantes. Essa divisão surge desde a primeira grade, em 1968, mas se mantém nos anos seguintes. Entretanto, a diferença observada é que o espaço de cada eixo nos currículos alterava-se constantemente, em geral com uma ampliação dos dois últimos em relação ao primeiro.

Nesse sentido, pontuamos que as mudanças curriculares observadas se encaixam em um contexto mais amplo: o de um período de formação e consolidação tanto do Campo da Comunicação enquanto área científica do saber quanto do Jornalismo como um dos seus campos circunscritos. Deste modo, estudar a evolução das grades ganha especial relevância ao ser uma forma de materializar uma das manifestações desse processo, simbolizada pelo aumento progressivo de espaço dessas áreas nas disciplinas da grade no período.

A ampliação de espaço das disciplinas de Comunicação e Jornalismo em relação às gerais de Ciências Humanas implica na reformulação do foco da ECA, então ECC. Recém-criada, a Escola precisou se adaptar às necessidades de seu contexto histórico, político e tecnológico, ao mesmo tempo em que equilibrava novas demandas e pressões à necessidade de oferecer continuamente formações em nível superior.

O resultado, portanto, foi um período de alta mutabilidade na grade curricular do curso. É importante pontuar que esse alto grau de mutabilidade também pode indicar falhas nessas tentativas, com as devidas correções. E, além do contexto político apresentado anteriormente, soma-se a necessidade de acompanhar intensas mudanças das práticas profissionais de jornalistas, impactadas pelo surgimento de novas tecnologias. Como aponta Antonioli (2014),

No caso do Jornalismo, o célere avanço da tecnologia faz com que as mudanças no ecossistema comunicacional ocorram velozmente, alterando a dimensão de sua produção e provocando inovações na composição curricular do curso. Contudo, a centralização do poder público [...] foi um dos motivos para que cursos deixassem de implementar modificações imediatas, buscando matrizes curriculares que atendessem efetivamente aos perfis desejados para seus egressos.

(Antonioli, 2014, p. 15)

Ainda, julgamos importante reforçar o aumento no número de disciplinas de caráter prático no curso de Jornalismo. É interessante notar que, inicialmente, as disciplinas eram referenciadas como “técnicas”, e apenas anos depois ganharam a determinação de disciplinas “práticas”. Acreditamos que esse movimento indica um possível deslocamento sobre a própria compreensão da prática jornalística, que passa a ser entendida como práxis (Chaparro, 1993), ou seja, algo aprendido e exercitado, e não apenas como uma técnica, de caráter mecânico. Destacamos, ainda, que na contemporaneidade o termo usado para se referir às disciplinas práticas na ECA-USP é “Laboratório”, indicando a criação de um espaço de aprendizado, análise, prática e também de experimentação.

A expansão dessas disciplinas é particularmente interessante, pois ocorreu ao mesmo tempo em que os alunos tinham, nos dois primeiros anos de curso, disciplinas do chamado ciclo básico, ou seja, componentes da área de comunicação e de caráter eminentemente teórico. Nesse sentido, apesar desse ciclo ter potencial para fornecer aos alunos uma base teórica sólida sobre o Campo, a falta de contato com as práticas da profissão escolhida surge como uma potencial fraqueza dessa opção de estruturação curricular.

Por outro lado, destacamos que a progressiva perda de espaço de disciplinas gerais de Ciências Humanas também pode implicar um contato reduzido dos alunos com os temas abarcados por elas. Entretanto, a opção na evolução da grade parece ter sido uma redução desses conteúdos em detrimento de conhecimentos específicos do campo, algo em linha com seu processo de formação.

A partir de 1973, a análise das grades curriculares de Jornalismo indicou o início de um período de maior estabilidade na estrutura curricular, com mudanças menores e mais pontuais nos anos subsequentes, mesmo com a manutenção da divisão em um ciclo básico e um ciclo específico de jornalismo. A análise dessa, e das outras, fases subsequentes da divisão curricular do curso serão tema de pesquisas e produções futuras, englobadas em um projeto de pesquisa mais amplo.

Pontuamos, ainda, que a principal limitação deste trabalho foi o foco de análise nos nomes das disciplinas das grades curriculares. Na prática, disciplinas podem manter a mesma lógica e conteúdo programático mesmo com mudanças de nome, e professores podem ter liberdade e espaço para alterar conteúdos, direcionamentos e dinâmicas didáticas mesmo sem, necessariamente, alterar o nome de uma disciplina.

Em um exemplo dessa realidade, Dulcilia Buitoni, professora do Departamento de Jornalismo e Editoração de 1972 a 2006, comenta em entrevista a um dos autores (Garcia, 2023) que, conforme as determinações do CFE e dos currículos mínimos tornavam-se mais flexíveis, especialmente a partir da década de 1980, existiria uma articulação interna, entre os próprios professores do curso, para que mais disciplinas do CJE fossem ministradas logo do ingresso dos estudantes, a fim de que pudessem ter um primeiro contato com a prática jornalística já no início da graduação.

Não obstante, acreditamos que os nomes das disciplinas refletem uma intencionalidade, por parte do corpo docente estruturante do curso, sobre seus aspectos didáticos. Além disso, a análise das mudanças das grades em um período de tempo relativamente amplo torna possível realizar considerações a respeito dessas alterações, exclusões e inclusões.

A análise de ementas e conteúdos programáticos da disciplina surge, portanto, como um caminho rico de pesquisa, inclusive para corroborar, ou não, as hipóteses apresentadas nesta pesquisa.

Entretanto, julgamos que a análise mais geral da grade curricular, e não do conteúdo programática de cada disciplina nas grades ao longo dos anos, já fornece insumos suficientes para refletir sobre as mudanças no curso de Jornalismo ao longo dos anos, sinalizando transformações e novos direcionamentos do curso em meio a um contexto de intensas mudanças tecnológicas, políticas, socioeconômicas e culturais observadas nos últimos 50 anos.

## REFERÊNCIAS



ANTONIOLI, Maria Elisabete. “Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional”. In: **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. V. 4, n. 15, jul./dez. 2014, p. 182-197.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1993.

GARCIA, Bruno Militão. **Ciências da Linguagem: por um modo de pensar (e ensinar) a comunicação**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

GARCÍA MOREJÓN, Julio. **Discurso de posse do Prof. Dr. Julio García Morejón na Direção da Escola de Comunicações Culturais outubro, 13, 1966**. São Paulo: Escola de Comunicações Culturais/USP, 1967.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O campo da comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 48, p. 46 – 57, 2000.

MEDITSCH, Eduardo. Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo. **XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 1999, Rio de Janeiro.

MELO, José Marques. **Contribuições para uma pedagogia da comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1974.

MELO, José Marques. Reinventar o ensino de jornalismo: desafio inadiável no alvorecer do século XXI. **Líbero**, n. 19, 2007, p. 9 - 15.

OLIVEIRA, Michelle Roxo de. **Sobre fronteiras no jornalismo: o ensino e a produção da identidade profissional**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, 2011.

OLIVEIRA, Michelle Roxo de. Perfil e desafios institucionais dos primeiros anos de ensino de jornalismo na ECA-USP. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 19, n. 2, 2022, p. 223 - 235.